

O Teatro Contra a Censura: A Arte Sob Pressão

POR JOSÉ MARIA ESTEVES E PAULA GARCIA¹

Às vésperas da impressão do Caderno de Registro Macu, recebemos a triste notícia do falecimento do ator Flávio Guarnieri. Em uma de suas últimas palestras, ele esteve no Teatro Escola Macunaíma para debater a intervenção dos militares no teatro brasileiro e o papel das obras de seu pai, o dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, no período da ditadura civil-militar no Brasil. A publicação a seguir presta agora também uma homenagem ao ator.

“O teatro, em minha opinião, será sempre uma grande resistência.”

Flávio Guarnieri

Como alunos de um curso técnico de formação de atores, não é incomum a curiosidade sobre o porquê de se estudar história. A princípio, temos algumas desconfianças, mas elas sempre são superadas para o positivo quando percebemos o quanto é importante para a vida artística de um ator em formação conhecer a tradição e se apropriar dela. Afinal, como atores, temos uma herança cultural a receber. As aulas de História das Artes Cênicas são uma espécie de inventário, onde tomamos posse dessas heranças. E são muitas,

1. Alunos do PA4 do Teatro Escola Macunaíma.



Da esquerda para a direita, o aluno José Maria Esteves, Flávio



Guamieri, o professor Felipe Menezes e a aluna Paula Garcia.

felizmente. Entretanto, como essas heranças ocupam um lugar no campo simbólico, a partir do momento em que tomamos posse desses conhecimentos, passamos a olhar o presente com novos olhares. Talvez, o conhecimento histórico do teatro nos sirva para, em primeiro lugar, honrar aqueles que vieram antes de nós e, em um segundo momento, abrir as possibilidades para o tempo em que vivemos. É um processo de retroceder para avançar. A história também é uma espécie de rua de mão dupla: de um lado nos faz compreender as causas que levaram os criadores a produzirem suas criações artísticas em determinados tempos e espaços e, de outro, é o caminho que nos traz até aqui e nos faz seguir adiante, ilustrados por influências, evolução e traços particulares de cada sociedade.

No segundo semestre de 2015, o eixo de estudo da história em nossa escola foi o Teatro Brasileiro. Durante todo o curso (que se iniciou com o teatro catequético, se desenvolveu na cena romântica e realista, desembocou no modernismo e passou pelo período da ditadura), pudemos perceber o quanto a nossa história é recente, mas cheia de fatos interessantes. No Brasil, um dos períodos mais marcantes para o teatro foi, sem sombra de dúvidas, o período que ficou conhecido como os “anos de chumbo” ou, para utilizarmos um termo mais científico, a ditadura civil-militar, que compreende o golpe que derrubou o presidente

eleito João Goulart, em 31 de março de 1964 até a eleição de Tancredo Neves, em 15 de janeiro de 1985. Durante todos esses 21 anos, a classe artística (dramaturgos, encenadores, atores e produtores) sofreu com a repressão de grande parte de suas obras encenadas ou não, tidas e classificadas, pela censura, como ofensivas à “moral” e aos “bons costumes”.

A aula aberta

Para maior entendimento do assunto, o nosso professor da disciplina de história, Felipe de Menezes, propôs à turma que fizéssemos uma entrevista como um ator ou atriz que tivesse passado artisticamente por esse, atroz, período. Por ser um tema que nos interessava muito, fomos atrás de colher mais informações, para além do trabalho proposto. E foi, dessa maneira, que chegamos ao projeto *Censura em Cena*, do Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo, que tinha como uma das ações a leitura dramática de doze peças proibidas pela censura no estado de São Paulo. O projeto trabalhava com o material presente no Arquivo Miroel Silveira (acervo da Escola de Comunicações e Artes da USP), que reúne 6.137 processos de censura abertos entre 1930 e 1970 pelo Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo e vem sendo estudado, desde 2002, pelo Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM), grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Maria Cristina Castilho Costa.

Dentro dessa programação, a primeira peça a ser lida e discutida foi *A Semente*, do dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, no dia 26 de setembro de 2015. E, após a leitura, montou-se uma mesa de discussão para debate da obra. O texto conta a história de Agileu, membro ativo do Partido Comunista e operário-líder na fábrica em que trabalhava. Convicto de seus ideais, luta, a todo o momento, pelo socialismo, mesmo quando isso o afasta dos amigos e da família. O papel de Agileu, no dia da leitura, foi representado por um dos filhos de Gianfrancesco Guarnieri, o ator Flávio Guarnieri. Ao término da leitura e do debate, nos dirigimos ao Flávio para pleitear uma entrevista conosco a respeito da censura – tema de nosso

trabalho para a avaliação da disciplina de história. Foi o próprio Flávio quem sugeriu que, ao invés de gravarmos um áudio ou vídeo dessa entrevista, ele se disponibilizaria a ir, pessoalmente, ao Teatro Escola Macunaíma para falar sobre a censura no Brasil, principalmente, a censura às obras de seu pai. Topamos. Nesse primeiro momento, a conversa estava circunscrita a nossa turma.

Comunicamos o fato ao professor Felipe de Menezes que, no mesmo instante, teve a ideia de transformar o nosso “seminário” em uma aula aberta aos demais alunos da escola, tendo em vista a importância das informações a todos os alunos em formação. Assim, no dia 05 de novembro de 2015, o Teatro 1, da unidade Barra Funda, se abriu para entender um dos capítulos mais intensos do



Flávio Guarnieri em aula aberta O Teatro e a Censura no Teatro

teatro nacional. O professor Felipe de Menezes iniciou o evento agradecendo a presença de todos os alunos e professores, ao Flávio Guarnieri pela gentileza de ter se disponibilizado e ao Teatro Escola Macunaíma que prontamente cedeu o espaço e todo o material de divulgação para que essa ação pudesse ser realizada plenamente. O evento, que ficou intitulado como Diálogos – De Encontro Com a História: O Teatro e a Censura, foi sucesso de público. A plateia estava transbordando de tantos alunos e professores interessados no tema. Em sua fala inicial, o professor Felipe de Menezes destacou também o fato de que o tema censura é sempre atual, embora não nos moldes dos anos de chumbo, mas que ainda é possível perceber, com clareza, os resquícios e as consequências

de termos tido um controle militar sobre o nosso imaginário artístico. Essa é a nossa triste tradição. Esse é o capítulo que marcou, com sangue, a história do teatro brasileiro.

Panorama teatral pré-golpe

Foi no período da ditadura civil-militar que o teatro sofreu as maiores perseguições ideológicas, como no caso dos grupos paulistanos Teatro Oficina, do diretor José Celso Martinez Corrêa, e o Teatro de Arena. Grupos e artistas esses que se dedicaram a criar uma dramaturgia notadamente brasileira e uma nova forma de pensar a formação do ator. Na época, o estado procurava esconder os problemas sociais, tentando manter uma suposta ordem, predominando, assim, a ideologia burguesa fundamentada no capitalismo. Já os membros do Teatro de Arena tinham ideais claramente de esquerda, se contrapondo à ideologia capitalista, denunciando as mazelas de uma sociedade por ela permeada e apresentando, em suas criações, outra realidade possível. Nesse momento, em que o teatro se define como político, foi perceptível a mudança nos rumos da dramaturgia e de uma cena que se voltava a “explicar”, principalmente à classe trabalhadora, que o mundo é passível de transformações, que a política pode ser discutida de maneira cênica, sem perda do seu campo simbólico.

A estreia de Guarnieri como dramaturgo no Teatro de Arena se dá com a peça *Eles Não Usam Black-Tie*, em 1958, tornando-se um marco do teatro brasileiro. O Arena, que até então estava passando por dificuldades financeiras e corria o risco de fechar as portas, decide encenar a peça do jovem ator Guarnieri, obtendo um sucesso surpreendente. Mesmo tendo sido encenada antes da tomada oficial do poder pelos militares, a peça teve trechos censurados e foi classificada para maiores de 18 anos. E isso porque Guarnieri nunca escondeu a sua militância política: membro do Partido Comunista Brasileiro, desde cedo se envolveu com a esquerda estudantil. Após se destacar no Teatro Paulista de Estudantes, foi para o Arena como promessa da dramaturgia nacional.

Eles não usam Black-Tie vem como um grande



Escola Macunaíma.

divisor de águas do teatro brasileiro. Acreditamos que o teatro hoje tenha se valido muito das descobertas do Arena e da dramaturgia do jovem escritor Guarnieri. Além disso, “*Black-Tie* foi um espetáculo que, pela primeira vez, colocou o povo brasileiro realmente em cena, foi a primeira vez que o operário se viu retratado e isso incomodava alguns setores, porque se tinha a classe operária em cena brigando pelo movimento de greve” contou-nos Flávio, emocionado.

A peça foi como um divisor de águas, pois com o seu sucesso, veio também a força do teatro nacional, justamente porque, na época de sua estreia, o teatro paulistano, como o TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), só montava grandes produções de espetáculos que, em sua maioria, eram de autores estrangeiros e com modos de produção industriais. Embora a poucos quilômetros de distância, os dois grupos, Arena e TBC, tinham diferenças nítidas: no primeiro, uma produção modesta, com poucos recursos e uma dramaturgia aliançada com os interesses da classe dominada; e, no outro, produções caras e de modo fabril, dramaturgia clássica estrangeira e frequentado, na maioria das vezes, por uma plateia burguesa.

As perseguições durante o regime

No entanto, a tomada do poder pelos militares transformou esse panorama e, após o Ato Institucional Número 5, em 1968, freou drasticamente a produção teatral politizada. A conscientização do operariado passou a ser tratada como perversão social – como nos aponta os pareceres dos delegados. O medo de que o Brasil se tornasse uma nação comunista fez com que os militares, apoiados pela população de civis, depusessem um presidente da república eleito pela democracia. Nos anos que se seguiram ao golpe, 21 precisamente, a democracia ficou fragilizada e, como pudemos perceber, o teatro foi um dos setores que mais sofreu nesse período. Mas não somente o teatro: a esquerda, as ideias contrárias à dominante, os movimentos sociais, as classes menos favorecidas foram boicotadas. Porém o teatro não se acomodou e nem se acovardou, muito pelo contrário, reagiu,

enfrentou, resistiu. A prova maior é que Guarnieri não parou de produzir seus textos e encenar suas peças, seja como ator, seja como dramaturgo.

Em relação ao período da ditadura, Flávio Guarnieri frisou a participação da sociedade civil, que apoiou o regime, e também a existência de militares contrários à repressão. A respeito de todo esse triste período para a sociedade brasileira, Flávio afirmou ter sido o mais trágico para a cultura nacional: “Acho que, se nós temos hoje um problema cultural neste país violento, foi graças aos 21 anos de repressão odiosa, em que realmente as pessoas não tiveram acesso a nada, a nenhum tipo de bem simbólico.” O ator também falou da motivação dos artistas para driblar o regime e seus resultados estéticos: “Contraditoriamente, foi uma das épocas em que mais se produziu coisas boas neste país: as melhores músicas, os melhores textos, os melhores filmes vêm desta época, porque se conhecia o inimigo, o inimigo era declarado. Nós tínhamos que brigar contra aquilo e usar de criatividade para poder driblar e enganar este inimigo.”

Como vemos, Flávio Guarnieri, assim como muitos artistas que viveram a ditadura, comungam de um discurso parecido em relação à produção estética desse período. Parece-nos que aliados a uma forte repressão, o medo da violência e o desprazer de verem suas obras todas jogadas na lata do lixo, os artistas tinham que se reinventar a todo o momento, abrir mão das coisas diretas e de um discurso cênico realista, para em ir busca dos símbolos, das metáforas.

A censura ontem e hoje

Em sua palestra, algo muito especial nos chamou a atenção: o fato de termos, diante de nós, a projeção de parte do processo de censura da peça *A Semente*. E Flávio nos detalhou ser um processo-crime contra a peça. Nas projeções, visualizamos e entendemos bem o conceito de ditadura civil-militar. Pois, dentro do processo de proibição, há inúmeras manifestações de entidades civis apoiando a censura. São instituições educacionais de grande referência que enviavam ofícios ao Diretor do Departamento

N.º

Fls. 1



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
SETOR DE ORGÃOS AUXILIARES POLICIAIS
DIVISÃO DE DIVERSÕES PÚBLICAS
SÃO PAULO - BRASIL

ARQUIVO MIROEL SILVEIRA (ECA/USP)

Interessado:

Censura

Procedencia:

J. B. C.

Assunto:

*Diretório da
peça*

A Semente

Data da autuação:

Documento do processo de censura da peça A Semente, de Gianfrancesco Guarnieri.

de Diversões Públicas do Estado de São Paulo o congratulando pelas decisões da polícia de barrar a apresentação de *A Semente* no TBC. E isso em 1961, ou seja, antes mesmo da tomada oficial do poder pelos militares, que tornariam habituais os atos de censura. Se não bastassem as instituições formais, havia listas de abaixo-assinados de civis solicitando os bons préstimos da Polícia para proibir o espetáculo que, segundo eles, feriam “frontalmente a formação secular, histórica e cristã”. Ou seja, com o apoio maciço da população, a peça foi vetada e impossibilitada de ser apresentada. O clamor da população fez com que as leis vigentes na época ganhassem ainda mais respaldo dentro das delegacias. “O teatro era caso de polícia”, nos contou Flávio.

Estar diante dos documentos, hoje disponíveis graças à abertura dos arquivos do período da ditadura, nos fez ter uma proximidade muito mais afetiva com aquele tempo e com o massacre ideológico que os artistas sofriam ao levantar suas ideias em forma de espetáculos. Flávio Guarnieri também nos contou que já apresentou peças com a figura do censor na plateia e que também já sofreu censura em trabalhos na televisão. Afirmou que ainda hoje existe um tipo de censura, mas que é velada: “Esta censura da época não é nada diferente do tipo de censura que se impõe hoje. Agora, nós temos uma censura que é do patrocinador, dos empresários que bancam sua peça”. Flávio nos chamou a atenção a respeito dos patrocínios concedidos por instituições privadas, que viabilizam o trabalho dos profissionais de teatro na atualidade. Muitas vezes estes incentivos ocorrem através de programas ligados ao governo, como no caso da Lei Rouanet, porém, mesmo esse recurso sendo público, dá-se ao empresariado o direito de escolha.

E, assim, nosso seminário que virou um grande evento no Teatro Escola Macunaíma, se encerrou. O que fica é a certeza de que, como diz o filósofo alemão Walter Benjamin, é preciso escovar a história a contrapelo, possibilitando, assim, que não compartilhem concepções conformistas dos fatos e da vida. E no teatro não pode ser deferente. Estudar a nossa história nos enriquece

e nos faz fortes contra esses tipos de regimes e posições autoritárias. A arte deve ser livre e o palco desmordaçado, se transformando em uma grande tribuna onde discutimos os problemas do homem consigo mesmo e do homem para com o seu mundo. Flávio nos mostrou o quanto é importante estarmos atentos. Sua emoção ao falar de seu pai nos contagiou, pois percebemos que, além de um grande artista, Guarnieri era um grande homem.

PARA SABER MAIS

Indicações de Livros

- GARCIA, Meliandre. *Do Teatro Militante à Música Engajada: A experiência do CPC da UNE (1958-1964)*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- MICHALSKI, Yan. *O Palco Amordaçado*. Rio de Janeiro: Avenir, 1979.
- MOSTAÇO, Edelcio. *Teatro e Política: Arena, Oficina e Opinião: Uma Interpretação da Cultura de Esquerda*. São Paulo: Proposta Editorial, 1982.

Indicações de Filmes

- *O Dia que Durou 21 Anos*. 2012. Thriller/Documentário Histórico. 1h 17m.
- *Batismo de Sangue*. 2006. Drama. 1h 50m.
- *Cabra-Cega*. 2004. Drama/Thriller Político. 1h 47m.



Documento do processo de censura da peça *A Semente*, de Gianfrancesco Guarnieri.

Digníssimo Diretor do Departamento de Diversões Públicas do Est. de São Paulo

Cumpre-nos levar ao conhecimento de V.S., como educadores e responsáveis pelas gerações que se formam, nosso irrestrito apóio à medida tomada pelo Órgão competente, e referente à proibição da peça teatral "A Semente", que fere frontalmente a nossa formação secular, histórica e cristã.

Maria Mathilde R. de Castro

Maria Louisa Frascino

Melosa Aletto

M. Magliozzi

de Tommaschi

João Emanoel Sobrinho

Elizabeth Pallast

Ruth Ferraz

Lia Cunha Rolim

Deomira Stefani

Elisa de Andrade

Maria Beat

do Juliano

Brasamante Brasil

Benedicta Luz

Helia Amalia Caporizza

Juljeta Odalvia Barbosa

Valéria Ferraz

Luiz Bonina

Albertina Aguiar de Leal

Josefina Moreira de Aguiar

Maria Guaraldo

Adna Tagliuca

Raquel Barros Cunha

ARQUIVO MIROEL SILVEIRA (ECA/USP)